

ALEXANDRE FONTES

A Questão
Orthographica

Preço — 400 reis

EDITOR: — O Auctor
1910

DEPOSITO
Livraria Ferreira, Limitada
132, Rua do Ouro, 138
LISBOA

ALEXANDRE FONTES

A Questão Orthographica

Preço — 400 reis



RC
HNCI
81
FDN

EDITOR: — O Auctor
1910

DEPOSITO
Livraria Ferreira, Limitada
132, Rua do Ouro, 138
LISBOA

Todos os exemplares levam a chancella do auctor:

Cláudio de Faria

A Questão Orthographica

I

Ha um assumpto de extrema gravidade para nós: a nossa orthographia. Este assumpto, vamos versá-lo n'uns pequenos artigos, sempre com a epigraphe d'este. Vamos dirigir-nos especialmente... Ora, verdadeiramente, esta questão é de todos, e a todo o publico interessa; porém, os jornaes e demais periodicos, que mais sob as vistas dos leitores pôdem cahir, os jornalistas e em geral os homens de letras, é que precisam de ser orientados, para depois orientarem o publico.

A orthographia da lingua é só uma. Estava por constituir. Por esse facto, varios individuos, menos reflectidamente, teem-se dado ao *sport* de brincar com a lingua patria, abusando do analphabetismo do povo. Não teem tido grande culpa. A culpa foi dos que primeiro se metteram á tarefa, por caturrice, que depois lhes redundou em exploração.

Vou, pois, dirigir-me aos individuos de boa vontade, escriptores e jornalistas, que mais não pedem senão ser bem encaminhados. Porque, o que mais afflige, é ver como aquelles, que desejam seguir a verdadeira orthographia da lingua, commettem a cada passo erros orthographicos, como *colysen*, *collosso*, *collossal*, *explendido*, *expontaneo*, *tradicção*, *contricção*, *extradicção*, *attracto*, *contracto*, *theor*, *contheúdo*, *cathegoria*, *athauide*, *sachristão*, *sachristia*, *pello*, *pelludo*, *outhorga*, *lyrio*, *enygma*, *estygma*, *thesoura*, etc., etc., etc., formas que *nunca*, em dictionario *nenhum* da lingua, se encontraram.

Basta, por hoje; não tenho muito espaço; preciso de escrever resumidamente. Aquelles que desejem, pois, vir a escrever correctamente o portuguez, dêem-me a honra de passar todos os dias, pela vista, esta secção.

A lição de hoje resume-se em apontar os vocabulos, que acima ficam exarados, como erros crassissimos; e em aconselhar aos que queiram apprender, que se guiem (não o querendo fazer desde já pelo meu **Vocabulario**, onde a orthogra-

phia está definitivamente constituída), ao menos por um bom dicionario portuguez, o qual indico ser o *Diccionario Contemporaneo*, de Caldas Aulete, continuado por Santos Valente, ou então pelo «Diccionario do Povo», cujo vocabulario foi extrahido exactamente do «*Contemporaneo*».

O «*Seculo*», o «*Paiz*», o «*Diario Popular*», o «*Fornal do Commercio*», o «*Diario de Noticias*», as «*Novidades*», o «*Portugal*», a «*Lucta*», a «*Voz do Operario*», o «*Illustrado*», etc., etc., jornaes que procuram escrever direito a sua lingua, dar-me-hiam muito prazer, se se fizessem echo d'esta campanha, ensarilhando n'uma secçãozinha as armas *politicas*, para brandirem esta arma patriótica. E os jornaes do Porto, os do Brasil, etc.

II

Eu não tenho tempo, nem paciencia, para polemicas jornalisticas, nem isso me seria muito lucrativo, porque não tenho quem me pague as minhas *lucubrações*, a tanto por linha. Mas vou dizer duas coisas ao Sr. Candido de Figueiredo. Diz elle, no seu numero de hontem, do *Diario de Noticias*, que *cholera* é feminino. E o *Diario de Noticias* lá tem «*A cholera*», a encimar as noticias da grande epidemia. Não é tal; *cholera*, é masculino: o *cholera-morbus*, ou simplesmente, o *cholera*. A colera é outra coisa. Se fosse a mesma coisa, diria eu que o Sr. Candido de Figueiredo está *choleric*, o que levaria a pensar que a terrível epidemia já cá tivesse chegado.

O que S. Ex.^a está, é coleric, por saber muito bem que eu lhe tenho abatido um pouco a sua gloria de philologo-amador.

É verdade que *cholera*, em latim, ou grego, é feminino; mas como, em portuguez, tem duas accepções, n'uma é feminino, e n'outra, quando se subentende *morbus*, *m.*, é masculino. O nosso philologo-amador-mór acha então extranho, que quando haja duas accepções, haja dois generos? Dá-se isso em todas as linguas, constituindo o phenomeno da dissimilação semantica. Mas, n'este caso, ha duas accepções, dois generos e duas graphias; e assim temos *colera*, *f.*, ira, e *cholera*, *m.*, certo morbo. E quer isto lhe agrade, quer não, assim é que é!

Ora, este meu artigo tem exactamente por fim, continuar a pôr o publico de sobreaviso contra este sabio. E tem tam-

bem por fim, pôr bem em relevo a perversidade *apparente* de S. Ex.^a, que, de antigo envenenador do espirito, em questões do conhecimento da lingua, derivou agora para vulgar assassino, pelo menos *in mente*. Diz S. Ex.^a, no seu artigo de hontem, no «Diario de Noticias»: *Eu, se fosse deshumano, não se me dava que a Providencia brindasse com um ataque da colera os miseros e mesquinhos, que se envenenaram voluntariamente com a pratica de o colera.*

Ora, misero e mesquinho, sou, não ha duvida nenhuma, porque com ideias de bem servir o paiz, não ha nunca a certeza de se chegar a grande coisa. Mas o que talvez S. Ex.^a não saiba, é se eu serei ou não supersticioso. E portanto, S. Ex.^a andarà bem, ou será coerente com o passado, continuando a apregoar as suas caturrices de philologo-amador; mas andou pessimamente, rogando-me uma praga. Eu, no meu livro, digo que não desejo atacar S. Ex.^a, pessoalmente. Não sei que ideia é esta, de me estar agora S. Ex.^a a rogar pragas!... Perdôo-lh'o por esta vez, e não lhe rogo tambem praga nenhuma, que não está no meu feitio; mas rogo-lhe que seja menos deshumano, d'aqui por deante, com os seus inimigos litterarios; e que se não dirija mesmo aos seus assiduos consulentes, com aquella prosapia, e aquelles modos esmagadores, chamando-lhes estupidos, ignorantes, etc., etc. Os pobrezinhos olharam-no por tanto tempo como oraculo, só pedem *philologia*, e S. Ex.^a dá-lhes descomposturas! .. Emfim, isto foi por esta vez... Sempre de luva branca, mas de alma branca, tambem!

III

Descansem os benevolos leitores, que ainda cá não chegou. É o vocabulo *cholera*, o que se discute. É preciso, de uma vez para sempre, assentarmos-lhe o genero grammatical; é preciso mostrar como o sr. Candido de Figueiredo, mais uma vez desnor-teava o publico.

O caso é este, e só este: *cholera*, em latim, ou em grego, significa certa doença: *morbi genus, quod celeri vomitu, alvi-que dejectione ventriculum, et intestina conturbat*, e tem, em ambos esses idiomas, essa só significação, e um só genero, que é o feminino.

Ora, em portuguez, em francez, em castelhano, em italiano, etc., passou a ser tambem synonymo de *ira*. E foi d'ahi que veio a necessidade de lhe attribuir dois generos, ao

mesmo tempo que se pensou em distinguir também pela graphia, as duas accepções. Este é o facto. Todos os bons dictionarios portuguezes dizem: *o cholera, m., e a colera, f.*

Mas diz o sr. Candido de Figueiredo, que nós fomos copiar dos Francezes, esta differenciação. S. Ex.^a não sabe o que diz. Esta differenciação, deu-se, simultaneamente, no francez e no portuguez.

Vejam agora este quadro:

Port.	Franc.	Cast.	Ital.
O cholera	Le choléra	El colera	Il colera
A colera	La colère	La colera	La collera

Fica assente este ponto?
Proseguiremos.

IV

É muito pouco o que tenciono dizer, no numero de hoje. Vou antes repetir, para ficar bem sabido. São os seguintes os termos, que mais commumente apparecem deturpados, na imprensa jornalística, etc. Vão acompanhados da verdadeira forma que lhes compete.

<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
colyseu	coliseu;
colosso; colossal	colosso; colossal;
explendido; esplendor	esplendido; esplendor;
expontaneo	espontaneo;
tradicção	tradição;
extradicção	extradição;
contricção	contrição;
attricto	atrito;
conriccto	conrito;
theor	teor;
contheúdo	conteúdo;
cathegoria	categoria;
athaúde	ataúde;
sachristão; sachristia	sacristão; sacristia;
pello (<i>subs.</i>); pelludo	pelo; peludo;
velo; veludo	vello; velludo;
outhorga; outhorgar	outorga; outorgar;
lyrio; enygma; estygma	lirio; enigma; estigma;

thysica.....	thisica;
thescura	tesoura;
vella; vellar; revellar; vellejar	vella (<i>de navio, etc.</i>); velar (<i>co-</i> <i>brir; occultar</i>); revelar, (<i>des-</i> <i>cobrir; manifestar</i>); velejar;
vella; velar; desvelar; desvelo	vella (<i>vigilia; cirio</i>); vellar (<i>vigiar</i>); desvellar; desvello;
hyppismo; hyppodromo.....	hippismo; hippodromo;
phylarmonica	philharmonica;
myrtho	myrto;
extracto; extratar.....	extracto; extractar;
extracto; extractificar	estrato: estratificar;
presar; despresar; despreso..	prezar; desprezar; desprezo;
pezar	pesar;
apezar	apesar;
pezame	pesame;
praso; aprasar	prazo; aprazar;
rasão; rasoavel.....	razão; razoavel.

E assim para os derivados.

Licção para decorar, e mandar decorar, a jornalistas, revisores, compositores, etc. Em França, em Inglaterra, na Alemanha, etc., qualquer immortal de academia não conhece melhor a orthographia da sua lingua, do que o mais modesto compositor typographico.

Mais nada, vamos devagar.

V

Tendo prestado toda a attenção, e estudado a minha licção IV, decoraram-se os termos em que parece ter havido a maior duvida, e seguindo depois a orthographia mais em voga, que é a que vem no «*Diccionario Contemporaneo*», ou no «*Diccionario do Povo*», fica-se escrevendo menos mau portuguez.

Vou hoje lembrar só este ponto. Quem seguir o «*Diccionario Contemporaneo*», deve escrever os verbos em *izar*, com *z*. Jornal que siga o «*Diccionario Contemporaneo*», sei que ha pelo menos um, que é o «*Seculo*», que, seja dicto em abono da verdade, possui um corpo revisional de primeira ordem. O «*Diario Illustrado*», e este periodico, o «*Correio da Manhã*», escrevem identicamente ao «*Seculo*». O «*Fornal do Commercio*», escrevia os verbos em *izar*, com *z*, antes da

transformação por que passou. É justo escrever os verbos em *izar*, com *z*, e os correspondentes substantivos, etc.; por esta forma: *amenizar, anathematizar, aromatizar, auctorizar, brutalizar, christianizar, civilizar, crystallizar, dogmatizar, economizar, encolerizar, encholerizar, escravizar, estigmatizar, harmonizar, idealizar, preconizar, realizar, romanizar, suavizar, synthetizar, systematizar, etc.*; e *amenização, anathematização, aromatização, auctorização, brutalização, christianização, civilização, crystallização, dogmatização, encolerização, encholerização, escravização, estigmatização, harmonização, idealização, preconização, realização, romanização, suavização, synthetização, systematização, etc.*; e *amenizavel, auctorizavel, civilizavel, crystallizavel, etc., etc., etc.*

Notem-se as seguintes excepções, em que o suffixo não é *izar*:

Analysar, improvisar e paralyser.

Só estas tres excepções é que é preciso manter de cór.

*

Não se conseguirá nada de geito, se se não souber aconselhar todos os trabalhadores da imprensa, a ir seguindo as boas normas orthographicas. O compositor precisa de saber orthographia, para ser bom auxiliar do jornalista; e o jornalista precisa, pelo menos, de saber tanto como o compositor. E todos precisamos de almejar por não ficarmos toda a vida... *illettrados*. Porque será que os Inglezes nos chamam *illettrados, fanciful people, low people*, ou nos disparam d'estas gentilezas?... *Fanciful* é assim como quem diz: *caturra*... Será acaso por não sabermos orthographia? Já me tenho lembrado d'isso.

*

P. S.—Um jornal da noite, de hontem, que tem uma secção intitulada «Anecdotas», apresenta esta ultima palavra muito estropiada, devido sem duvida a falta de revisão. Também, na primeira pagina falla em *adiamento*, mas por lapso poseram dois *dd* n'este vocabulo. Creio que me não levarão a mal estes avisos.

VI

Repetimos hoje, accrescentada, a lista dos termos, que, actualmente, mais a miudo apparecem deturpados, na imprensa jornalística, etc., e acompanhados da verdadeira forma que lhes compete:

<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
colyseu	coliseu;
colosso; colossal	colosso; colossal;
explendido; esplendor	esplendido; esplendor;
expontaneo	espontaneo;
tradicção	tradição;
extradicção	extradição;
contricção	contrição;
attracto	atrito;
contrico	contrito;
theor	teor;
contheúdo	conteúdo;
cathegoria	categoria;
athaúde	ataúde;
sachristão; sachristia	sacristão; sacristia;
pello (<i>subs.</i>); pelludo	pelo; peludo;
velo; veludo	vello; velludo;
outhorga; outhorgar	outorga; outorgar;
lyrio; enygma: estygma	lirio; enigma; estigma;
thysica	thisica;
thesoura	tesoura;
vella; vellar: revellar; vellejar	vela (<i>de navio</i>); velar (<i>cobrir</i> ; <i>occultar</i>); revelar, (<i>descobrir</i> ; <i>manifestar</i>); velejar;
vela; velar; desvelar; desvelo	vella (<i>vigilia; cirio</i>); vellar (<i>vi-</i> <i>giar</i>); desvellar; desvello;
hyppismo; hyppodromo	hippismo; hippodromo;
phylarmonica	philharmonica;
myrtho	myrto;
extrato; extratar	extracto; extractar;
extracto; extractificar	estrato; estratificar;
presar; desprezar; desprezo	prezar; desprezar; desprezo;
pezar	pesar;
apezar	apesar;
pezame	pesame;
praso; aprasar	prazo; aprazar;
rasão; rasoavel	razão; razoavel;

syntese.....	synthese;
systema.....	systema;
addiar; addiamento	adiar; adiamiento;
adiante; adiantar; adianta- mento	adeante; adeantar; adeanta- mento;
anedocta.....	anedocta;
reclame; réclamar.....	reclamo; reclamar;
Buenos-Ayres.....	Buenos-Aires;
revolver	rovólver.

E assim para os derivados.

VII

Um ponto em que seria conveniente pôrem-se de accordo os escriptores, seria o adoptarem sempre formas como *cavallaria*, *infantaria*, etc., e em vez de *cavalleria*, *infanteria*, etc. Nos vocabulos d'esta formação, o suffixo é *aria*. Assim, escreva-se sempre: *alfaiataria*, *artilharia*, *carpintaria*, *cavallaria*, *chapellaria*, *engenharia*, *grossaria*, *infantaria*, *joalharia*, *lotaria*, *pastellaria*, *quinquiharia*, *retrozaria*, *serigarria*, *sirgaria*, *vidraria*, *vozearia*, etc., embora nem em todos estes vocabulos o suffixo tenha sido *aria*, mas um outro suffixo, *ia*.

Como excepções, temos: *galeria*, *bateria* e *bijuteria*.

Quanto a *galantaria*, parece-me preferivel a *galanteria*.

Parçaria tambem me parece preferivel a *parceria*.

Mas, para estes dois ultimos vocabulos, dou a opção, no meu **Vocabulario**.

*

Outro ponto importante é o de dar a genuina forma, embora archaica, ao artigo-pronome *o*, *a*, *os*, *as*, e que é *lo*, *la*, *los*, *las*, com degenerescencia para *no*, *na*, *nos*, *nas*, em certos casos. Escrever, portanto, sempre:

amá-lo; *ama-o*; *amem-no*;
comê-lo; *come-o*; *comam-no*;
parti-lo (infin.); *parti-o* (imper.); *parte-o*;
pô-lo; *põe-o* ou *põe-no*;
vão-o ou *vão-no* buscar;
ponham-no; *ponhamo-lo*; *punhamo-lo*;
disseram-nos (a nós);
disseram-nos (los, os);

disseram-nas (las, as);
disseram-no-lo;
amá-la-hia; *comê-lo-hei*;
cozê-lo-hão; *cosê-la has*;
pô-la-hiamos;
ei-lo; *ei-la*; *ei-los*; *ei-las*.

A genuína e archaica forma do artigo-pronome *o, a, os, as*, não é obsoleta. É de vulgar emprego, sem ser no caso particular de vir juncta a verbos. Deparou-se-me n'uma bella poesia, assignada *D. Trancredo*, publicada em tempos n'este jornal:

«Mas, quando a outra ri...—Oh! Mysterio profundo!
 Não no sei definir!—»

VIII

Um meu amavel consulente pergunta-me porque motivo se deve fazer, graphicamente, distincção, entre *vela* (*de navio*) e *vella* (*cirio*).

Julga que a origem dos dois termos, seja a mesma. Mas não é: *vela* (*de navio*) vem do latim *velum, i*, nome neutro: *vela facere, vela pandere; dare vela retrorsum*; emquanto *vella* (*cirio*), vem do latim *vigilia*, onde a syllaba syncopada fica em portuguez representada pela gemação do *l*.

Pódem, pois, escrever-se, correctamente, as seguintes phrases:

O navio levava pandas as velas.
 A velívola frota seguia rumo ao oriente.
 Velejavamos para les-nordeste.
 Velava-lhe o semblante uma nuvem de tristeza.
 Era um bello veleiro, esse teu barco.
 Tudo isto revela vontade de saber.
 O velame do barco é todo novo.
 Isso não é vela, é um velacho.

E escreve-se tambem:

Fazer um quarto de vella.
 As vellas estão todas accesas.
 O doente foi vellado toda a noite.
 Foi sempre tractado desvelladamente.

Extremos desvellos o acompanharam sempre.
Vellei durante horas seguidas.

O *l* duplo apparece em *vellar*, como apparece em *fallar*, onde tambem provem de uma syllaba syncopada, em *fabulari*.

A palavra *velum*, *i*, (que em latim tambem significava *véo*), do plural neutro passou a singular feminino, como succedeu a *folium*, *ii*, cujo plural *folia* deu o nosso singular *folha*. N'este ultimo vocabulo percebe-se bem o seu valor plural, na seguinte locução: *a queda da folha*, isto é, *das folhas*.

A differenciação graphica, aqui apontada, não vem, infelizmente, no «*Diccionario Contemporaneo*», nem em outros.

IX

Perguntam-me, peremptoriamente: Quaes são as vantagens da escripta etymologica, e porque será sómente verdadeira orthographia, aquella, em que se mantenham as *letras dobradas*, o *ch*, o *ph*, o *th*, o *y*, e o *h* inicial?

Respondo, categoricamente: Porque, sendo o portuguez, lingua latina, e tendo sido sempre norma, no portuguez, a orthographia latina, ha toda a vantagem em que se lhe não altere essa norma: primeiro, porque, mantendo-a, mantem-se o nexa da nossa lingua com o latim, e, mais ou menos, com todas as linguas neo-latinas, e com outras, mas muito especialmente com o francez; segundo, porque o nexa com a lingua latina nos será sempre muito util, pois nos é util e nos será sempre muito util, o conhecimento do latim; terceiro, porque o nexa com a lingua franceza nos será tambem sempre muito util, pois nos é util e nos será sempre muito util, o conhecimento do francez; quarto, porque a lingua mais proxima da nossa, onde se não respeita tanto aquella norma, é o castelhano, e nos é muito conveniente, **politicamente**, diferenciarmos, quanto possivel, a nossa lingua, da dos Castelhanos; quinto, porque se fossemos, por copia do castelhano, escarpellar a nossa lingua, para do castelhano a approximarmos, resultar-nos-hia uma algaraviada ignobil, que nem sequer do gallego se approximaria; sexto, porque, por mais voltas que dessemos, nunca fugiríamos a chegar a essa algaraviada ignobil, porquanto as influencias mesologicas que actuaem n'uma lingua, e lhe promovem a evolução, não são nunca as que actuaem n'outras linguas.

Conclusão: ou é assim, ou nos naturalizamos cidadãos de Tuy ou de Alarcon; e se os de Tuy ou de Alarcon nos não poderem entender, teremos ainda as *plagas africanas* ou os *desertos da Amazonia*... Sempre ha-de haver um cantinho do planeta, onde se acolha a lusa... a lusa... a lusa... emfim, ponham lá o que quizerem... eu chamava-lhe imbecillidade.

X

Conta-se de alguém, que, tendo ido a Londres, se admirou muito de ver as creanças a fallarem inglez, quando elle tinha apprendido inglez, em Lisboa, durante annos e annos, e não conseguira ligar nunca duas palavras. O mesmo succede, ou póde succeder, com os nossos escriptores e jornalistas, que não sabem orthographia: se fossem a Londres, ou se fossem a Paris, emfim a qualquer grande cidade civilizada, veriam todos, desde o mais sabio nas artes, nas sciencias, ou nas letras, até ao mais modesto n'estas provincias do espirito, conhecerem todos muito bem a orthographia das respectivas linguas; e ainda mais pasmariam, se, entrando no amago do assumpto, verificassem que as orthographias franceza, ingleza ou allemã, são pelo menos tão difficeis como a orthographia portugueza. E comtudo, são identicas causas produzindo identicos efeitos.

A creança ingleza falla inglez aos tres ou quatro annos, porque durante esses seus tres ou quatro annos, nunca ouviu fallar senão inglez. Um Inglez, um Francez ou um Allemão, conhece a orthographia da sua respectiva lingua, porque nunca essa lingua se lhe deparou senão com um aspecto graphico unico, isto é, na sua verdadeira e unica orthographia. Aqui, em Portugal, onde varios caturras nos teem desnortado por completo, na questão orthographica, é preciso, seria preciso estar sempre de dictionario em punho, porque se obliteram facilmente as verdadeiras formas das palavras, á força de as vermos tão adulteradas, tão martyrizadas. Os pobres vocabulos são aqui martyrizados, torturados, sem necessidade nenhuma, o mais injustamente possível. Ora se os deixassemos em paz, pobres victimas imbelles, com a sua genuina forma primitiva, por muito complicada que fosse, **que o não é nunca**, sempre elles nos occorreriam com o seu unico e verdadeira trajó.

Se todos escrevessemos *categoria, enigma, teor, theoria,*

por ex., nunca ninguem se lembraria de dar outra graphia a estes termos... Mas, n'esta altura, meus sehores, têmham paciencia, e não teem outro remedio: agarrem-se a um bom dicionario, estudem grammatica, estudem orthographia, e depois de estarem dois ou tres mezes a corrigirem os velhos erros, em que haviam recahido ultimamente, verão como as cousas hão-de correr melhor, e como hão-de ver emfim a lingua patria unificada, e reennobrecida.—Muito depende dos jornaes, dos jornalistas; estes teem nas redacções, os numeros todos d'este *Correio da Manhã*. Seria pedir muito, que passassem pela vista o que, a partir do dia 4 do corrente, nós aqui temos dicto sobre o assumpto?

Creiam que os não abandonarei até á ultima. E as regras da orthographia, apresentadas com a clareza e concatenação, com que eu aqui as tenciono apresentar, far-vos-hão d'esta sciencia, a sciencia mais simples d'este mundo.

XI

Disse-se atraz que nos é util manter o nexu entre as duas linguas, a portugueza e a franceza; e o nexu entre o portuguez e o latim; mas deixando por emquanto o latim, e tractando só do francez, demonstrar-se-ha que o alludido nexu, é, não sómente util, mas utilissimo, e até convenientissimo, e quasi indispensavel.

Se o portuguez devesse apprender-se só até á instrucção primaria, se nós todos, Portuguezes, nos podessemos isolar das outras nações cultas, e nos acabassemos de transformar n'uma especie de Selvagens, todas as simplificações e escallpellamentos na lingua seriam admissiveis, e até certo ponto defensaveis.

Mas não se dará esse caso... Para qualquer curso superior, é preciso o curso dos lyceus, onde o francez se encontra desde o primeiro anno; e, para qualquer carreira da vida, nos é preciso (mesmo para os que não seguem cursos superiores) o conhecimento do francez. Quem é que, entre nós, não pensa no seu boccadinho de *franciú*?

Ora, o francez é affim do portuguez, e o inglez tambem o é, na grande parte do seu vocabulario, que seja de origem latina... Agora vejamos: o grande cavallo de batalha, são as taes *letras dobradas*. *Voilà l'ennemi!* Mas então não é do conhecimento, de quem tenha dez reis de letras, que as letras dobradas só se encontram em portuguez onde tambem

se encontrem em francez, e em inglez? Se em portuguez se diz *attribuir*, diz-se em francez *attribuer*, diz-se em inglez *to attribute*. Se em portuguez é *attendere*, é em francez *attendre*, é em inglez *to attend*. E sempre assim. Se em portuguez é *colossal* e *colosso*, é em francez *colossal* e *colosse*. Se em portuguez é *applicar*, é em francez *appliquer*. E então, nós, que temos na nossa lingua, uma riqueza, que tão bem nos serve de mnemonica no estudo do francez, e tambem do inglez, havemos de deitar fóra essa riqueza? E que tambem nos serve para o latim?... Não me argumentem com o hespanhol! Quando a nação hespanhola fixou a orthographia castelhana, já todos, em Hespanha, escreviam como a Academia Hespanhola o sancionou. Era um factio consummado. Factio que proveiu das influencias mesologicas soffridas pelo castelhano, e em que teve grandissimo imperio a phonetica castelhana. Mas aqui é outra coisa. Aqui, as influencias são outras, outra a phonetica, outra a tendencia natural da lingua. Ninguem, absolutamente ninguem, quer em Portugal o escarpellamento da lingua, e a rejeição da sua opulencia, ou das suas riquezas naturaes. Os que em tal teem pensado, por obcecação espirital, são uma infima minoria. Mas a obcecação espirital, que é como um morbo epidemico *sui generis*, e que como todos os morbos epidemicos, pôde atacar corpos robustos, ou espiritos robustos, constitue um grande mal.

XII

Ainda não estamos livres do *cholera*. Continua teimando o Sr. Candido de Figueiredo, que *cholera* é feminino. Peço desculpa: é masculino!

Ora, nós, n'esta secção, nos numeros de 4 e 6 do corrente, já dissemos o que havia a dizer. Assim *cholera*, é masculino, por conveniencia de distinguir os dois vocabulos, *cholera*, certo morbo, e *colera*, ira.

Mas, diz S. Ex.^a: então como pôde *cholera* ser masculino, se *cholerina* é feminino? Essa é boa! Como? Sendo-o. São factos!

Diz tambem S. Ex.^a que empraza quem lhe cite diminutivos femininos, de nomes masculinos. E que os não ha. O caso não tem importancia, porque podia aquelle phenomeno ser isolado, e não obstante dar-se; mas como S. Ex.^a se engana! Ha todos estes, que nos iembre agora, de momento:

o fusos; e a fuseta; e a fusella (*herald.*);
 o pelo; e a pelugem;
 o setim; e a setineta;
 o coral; a coralina;
 o cravo; a cravina;
 o fato; a fatiota.

E ainda estes, onde está contido, figuradamente, o sentido diminutivo:

o iodoformio; a iodoformina;
 o anil; a anilina;
 o albumen; a albumina;
 o brilhante; a brilhantina.

E ainda, com o sentido diminutivo, primitivo;

o saio; a saia;
 o olho; a olha.

Por outro lado, o phenomeno é o mesmo, quando a troca seja do genero feminino para o masculino, como em:

a mulher; o mulherão (*se bem que aqui haja augmentativo*);
 a manga; o manguito (*pequena manga, postiça*);
 a viola; o violino;
 a seda; o setim;
 a bengala; o bengalim;
 a bandurra; o bandolim;
 a espada; o espadim.

E ainda este:

a folha; o folho.

Demais, cf.: *franc.*, *le choléra*; *cast.*, *el colera*; *ital.*, *il colera*.

Diz-se tambem, em francez: *le choléra*, e *la cholérine*.

A *cholerina*, sendo grammaticalmente um diminutivo de *cholera*, é uma outra molestia. O *cholera* é o *cholera asiatico*, tambem chamado *cholera-morbus*; e a *cholerina* é o chamado *cholera-nostras*, isto é, *cholera indigena*.

O facto de, em documentos officiaes, redigidos por medicos, apparecer *cholera* como nome feminino, só prova que

os medicos, embora summidades, não são os encarregados de fixar as formas da lingua. Os medicos quando redigiam essas portarias, que S. Ex.^a cita, não pensavam então senão em *cholera*, *enfermidade*; e se *cholera* tivesse ficado só n'essa accepção, estaria muito bem no genero feminino, que era o primitivo. Mas com a nova accepção, de *ira*, que se lhe deu, é que nasceu a necessidade de distinguir o *cholera*, da *colera*. Parece-nos que não ha nada mais claro, e foi como se fez em francez, em castelhano, em italiano, e em portuguez.

E declaro que ao *cholera* já não volto mais! E que faça S. Ex.^a o mesmo: não se nos vá por ahi gerar o *cholera philologico*, visto haver tantas variedades!

XIII

«Ora, é claro, nós não temos nada com as vidas alheias, com o que se passa nas casas alheias; não deveríamos ter. E eu, luctaria com grandes difficuldades (a primeira era a do tempo) para ir apresentar aqui a historia da evolução do hespanhol, ou do italiano. Em todo o caso, chega-nos a sciencia, e o tempo, para dizer duas significancias. Vejamos, pois, o italiano. Dizem os nossos simplificados-res. . . (para o que lhes havia de dar! para ser simples, a cousa mais difficil d'este mundo!) . . . mas dizem elles, e o povo vae estando d'isso convencido: o italiano simplificou. Ora, o *Zé* (e o *Zé* póde ser qualquer empregado publico, ou qualquer official do exercito, ou qualquer padre, ou não importa quem, mas qualquer pessoa, que, embora muito illustrada em trinta mil coisas, não conheça, isto é, tenha a triste desventura de não conhecer o italiano) — ouvindo dizer, o Italiano simplificou, convence-se de que tirou á sua lingua as letras dobradas. Este é que é o grande cavallo de batalha, as taes letras dobradas! Ora, em italiano, desde Boccaccio para cá, e antes de Boccaccio, e d'hoje para o futuro assim ha-de ser por muitos annos e bons, *cavallo*, por exemplo, o vocabulo *cavallo*, escreve-se na lingua de Boccaccio com as mesmas graphias como ahi fica escripto em portuguez. E, em hespanhol, tambem temos *caballo*, com dois *ll*. O verbo portuguez *metter*, em italiano escreve-se *mettere*. Com respeito a letras dobradas, o italiano então é riquissimo, por razões que não veem agora para o caso, para não sermos abelhudos. Com relação ao *ch* e ao *th*, das palavras de origem grega, os Italianos não escrevem o *h*. Mas não escrevem porquê? Lá vae. Os Italianos não escrevem *echo*, como nós escrevemos, mas escrevem *eco*, porque o *ch* d'elles teve necessidade de ser empregado n'outras funcções. O *ch* italiano, antes de *i* ou de *e*, soa *k*. Exemplo: *chi* (em portuguez quem) soa *ki*. *Chiamare* (em portuguez chamar) lê-se *kiamare*. O vocabulo *qui* (em portuguez aqui), soa em italiano *ku-i*. E são tantos os vocabulos italianos em que o *ch* soa *k*, que os homens se viram na necessidade, pela lei da dissimilação, que rege sempre a variedade, ou, como quem diz, a belleza, se viram na necessidade de não ligar mais ao digrapho *ch* a funcção de figurar nos vocabulos gregos em que houvesse o *c* aspirado. Para representar em italiano o

som de *ke* ou *ki*, serve então sempre o *ch*. Resulta d'isto que o vocabulo *orchestra* fica a escrever-se em portuguez e em italiano de uma mesma e unica maneira. Para melhor comprehensão de tudo, vou apresentar duas columnas de termos, portuguezes e italianos, em confronto. Os meus amigos que tirem as conclusões que quizerem, porque a verdade não se demonstra, ou pôde passar sem demonstração: a verdade impõe-se por si propria.

PORTUGUEZ

alli
aqui
belleza
cavallo
chylo
echo
fugir
metter
orchestra
verdade

ITALIANO

colà
qui
bellezza
cavallo
chilo
eco
sfuggire
mettere
orchestra
verità

Ora, pergunto eu: percebem alguma cousa? Eu declaro que muito pouco percebo. Vejo que é assim, e tanto me basta. O italiano é o italiano; o portuguez é o portuguez; e ficam todos em paz.

As voltas que a lingua italiana soffreu, foram complicadissimas; complicadissimas foram as que soffreu o portuguez. E não houve esforço, nem em Portugal, nem em Italia, para se attingir o desenvolvimento das respectivas linguas. Deus deu as linguas ao homem, como deu o grito aos animaes. E as leis que regem, em certo ponto da terra, o fallar de determinada gente, são leis que se prendem a mil influencias mesologicas de diversissima ordem, quaes são as condições da nossa vida, do nosso pensar, do nosso sentir, como são tambem as do nosso querer, e assim as do nosso fallar e escrever, e as do nosso querer fallar e escrever direito, e servirmo-nos como deva ser, do instrumento que nos foi dado para comunicação, e transmissão, da nossa mentalidade, e da nossa affectividade, ambas caracterizadamente humanas, mas tambem ambas caracterizadamente nacionaes, e até provinciaes, ou de qualquer modo locaes. Como regra, pois, é grande peccado scientifico julgar poder applicar a qualquer lingua de um certo grupo linguistico, os processos de transformação dialectal que actuaram muito especialmente n'outras linguas d'esse grupo, no que esses processos contemham de influencias caracterizadamente mesologicas. Póde haver n'esses processos, grande analogia, de uma lingua para outra, mas não se deve ir copiar servilmente os processos de transformação de uma lingua, para os ir ás cegas applicar a outra.»

(Excerpto d'A *Escripta Nacional*, a pg. 441).

XIV

«Vejam os se se pôde dizer alguma cousa do allemão. Elles o que dizem, é: o allemão simplificou. É sempre a mesma mania. Simplificou, simplificou, mas não se sabe como, e vamos nós tambem simplificar, sendo simplificar a cousa mais difficil d'este mundo, torno a repetir... Mas, vejamos. Os Allemães escreviam *thun, Theil, Thier*; hoje escrevem *tun, Teil, Tier*. Que lhes faça muito bom proveito. Não temos nada com isso. Uma boa digestão para o seu *h*, é o que lhes desejamos. Mas elles não são tolos, nem querem comer sobreposse. Tiraram o *h* em *tun, Teil e Tier*, mas deixaram-no ficar em *Thron, Character, Thyrsus, Theorie*, etc., etc., etc. Que quer isto dizer? Tiraram o *h* nas palavras germanicas, cujos radicaes se perdiam na noite dos tempos, e deixaram-no ficar n'aquellas, cujos radicaes se encontram nas linguas classicas, latina e grega. E fizeram elles muito bem, se não com a primeira acção, ao menos com a segunda.

Com respeito ao inglez, vemos que a orthographia n'elle adoptada é a etymologica, e tradicional. O Inglez, quando diz *plough*, não pronuncia o *gh*; mas não o tira, nem o tirará, da sua escripta. Esse *gh* é etymologico, como se depreheende por comparação com a forma germanica *Pflug*, onde o *g* final corresponde ao *gh* final do vocabulo inglez.

O verbo inglez *to laugh* tem *gh* correspondente ao *ch* do allemão moderno *lachen*. E é sempre assim. Dá-se na orthographia ingleza, o que se dá na sua orthoepia, que, em regra, tambem é etymologica. O Inglez pronuncia *fine*, como pronuncia *final*, porque estes dois vocabulos teem origem commum, e são affins do alto allemão moderno *fein*. O Inglez pronuncia *fin* (barbatana), dando ao *i* o som que elle tem, por ex., em portuguez, em *tiro*, porque esse vocabulo já pertence a outro grupo radical, e é affim do allemão *Finne*. Ora, a ordem que se nota na orthoepia ingleza, é a que se lhe nota na orthographia, a qual é, portanto, rigorosamente etymologica, e tradicional.

Parece-me, pois, que vamos percebendo. Não devemos tirar *hh*, porque os Allemães os tiraram aqui ou acolá; nem devemos tirar letras dobradas, porque aos Hespanhoes assim *les dio la gana de hacerlo*. Devemos mas é ficar portas a dentro com o nosso querido portuguez, e tudo o mais são historias.»

(Excerpto d'*A Escripta Nacional*, a pag. 442).

XV

Voltando ainda ao *cholera*, cujo genero masculino precisa de ser corroborado, diremos que o substantivo *cholera-morbus* não foi formado no portuguez, isto é, com elementos portuguezes. Já se sabe que, em portuguez, quando se formam substantivos, de substantivos, ficam com o genero do primeiro, que é o determidado, como em *couve-flôr, mulher-homem, peixe espada, pau-ferro*, etc., etc. Mas os elementos constitutivos, do vocabulo *cholera-morbus*, são ambos latinos,

e o todo é um exotismo. Ora, em latim, pôdem formar-se nomes, compostos de nomes substantivos, de uma de duas maneiras: ou collocando o elemento determinativo antes, ou collocando-o depois; ex.: *terræmotus*, *jurisprudencia*, *senatus-consultum*; ou então, *lacrima-Christi*, *pater-familias*, etc., etc. A primeira ordem de formação, a mais archaica, é a mais latina; e é, em geral, a empregada nos idiomas germanicos, inglez, allemão, etc. Cf., inglez, *Christmas-tree*, *music-hall*, e allemão, *Pferdjuss*, *Rosenkranz*, *Federmesser*, etc., etc., etc. Ora o vocabulo *cholera-morbus*, foi, por assim dizer, formado á moda dos compostos latinos, alguns dos quaes, chamados falsos-compostos, muito frequentes nas linguas germanicas; e nos quaes o genero é o do elemento determinado, ou completado, e não o do determinativo, ou complemento. É assim que *cholera-morbus* nos apparece com o genero masculino, que é o genero de *morbus*. No composto *cholera-morbus*, *morbus* é o elemento determinado, e *cholera* o determinativo, ou complemento, qualquer que seja o caso em que o consideremos, mas que muito naturalmente é o caso nominativo, visto *cholera* exercer as funcções de nome predicativo de *morbus*. *Cholera-morbus* significa *morbus ille cholera appellatus*, e não, *cholera morbi genus putata*; isto é, *cholera* é complemento de *morbus*, e não *morbus* complemento de *cholera*. Logo, *morbus*, elemento basico d'este composto, é quem lhe determina o genero grammatical. E *cholera* figura quasi como prefixo.

Assim se disse, pois, o *cholera-morbus*, em italiano, em francez, em castelhano, e em portuguez, etc. E disse-o Littré.

Mais tarde, omisso o elemento basico *morbus*, passou a dizer-se o *cholera*, tendo este vocabulo assimilado o genero do composto, em que ainda se considerava incluso, ellipticamente.

Disse-se, depois, o *cholera-nostras*, como se se dissesse o *cholera-morbus-nostras*.

É o que se nos figura ter sido a historia d'este vocabulo, dentro da era christã; apresentado tudo, muito summariamente, e sómente com o fim de demonstrar ao publico a legitimidade do genero masculino, applicado por nós ao mesmo vocabulo; mas ficando-nos, porém, ainda muito por dizer, e por esmiuçar, n'um assumpto d'estes, onde não basta uma montanha de prosapia e cinco reis furados de sciencia, para poder officiar de pontifical.

XVI

Uma das razões, decerto a maior, e talvez até a unica, que os apóstolos dos escarpellamentos orthographicos, allegam, para que taes escarpellamentos se effectuem, está no facto, por elles presupposto, de assim se tornar o apprendizado da lingua mais accessivel ás creanças. Coitados! os corações de pomba!

Confesso que pensei, maduramente, no caso: lembrei-me do exforço que as creancinhas hão-de fazer para apprender o *b*, *a*, *ba*, e não só as nossas, como as de todos os paizes. Sobretudo, as francezas. Sim, lembrei-me d'estas, principalmente, cujo idioma possui uma orthographia assás emmaranhada, e martyrizante. Lembrei-me, tambem, de que, sendo nós, Portuguezes, modestia á parte, um pouco menos obtusos que os Francezes, ainda as nossas creanças teriam menos difficuldade em se desanalphabetizarem, do que as francezas, e as inglezas, e as allemãs, etc., etc. Mas ainda assim, coitadinhas, com que difficuldades luctariam!... Nada! coitadinhas! Nada! vamos já dar-lhes o tal *volapuk*, perdão, a tal panaceia das *simplificações*. Ficariamos com a consciencia descansada, e com os solemnes encomios da «*Sociedade Protectora*...»

Perfeitamente!

O peor, porém, é que ós miseros, mais tarde, passariam para o lyceu; iriam apprender o outro *volapuk* do francez, e o do inglez, e, não encontrando nexo nenhum entre estas linguas e a sua propria, haviam por força de perguntar de que lado estaria o genuino *volapuk*. E quando estudassem o latim, que coisa tão differente do que poderiam ter imaginado, em nexo com a sua propria lingua! E que trabalhos, para saberem quando, no latim, ou no francez, ou até no inglez, haviam de intercalar aquellas excommungadas *letras dobradas*, e os taes *yy*, e os *tthh*, e os *cchh*, e outras quejañdas excrescencias!... Para encurtar, só teriam uma sahida: e era promoverem um abaixo-assignado ao Sr. Candido de Figueiredo, para que S. Ex.^a baixasse misericordioso das suas olympicas regiões philologico-amatorias, e passasse a olhar tambem por essas provincias rebeldes, dando-se generosamente ao incommodo de *simplificar* egualmente esses arresvesados idiomas, sempre movido do seu nunca desmentido altruismo desedificante. Desedificante, no sentido dos seus effectos materiaes, mas edificante, edificante...

Ora, pois... E o agradecimento de que se sentiriam pos-

suidos os meninos madrilenos, que tanta difficuldade teem em arcar com aquella maldicta lingua de além dos Pyrenéos, por causa das suas escabrosidades orthographicas? Ficavam-lhes ainda as escabrosidades phoneticas, é verdade, mas para isso sempre se havia de inventar, de cá, algum remedio. De quantas invenções não é susceptivel um altruismo sincero?

Pasmamos... Oh! sim, pasmamos... mas que profunda consolação, ao mesmo tempo! O philologo não nos desejava, não, não nos rogara, do coração, aquella praga do cholera. Pois como fôra possivel desejar o cholera, embora com o mais bello dos generos, aos seus inimigos litterarios, quem depois, antes e sempre, se desentranhasse em tão grandes beneficios para a humanidade?

XVII

A lingua portugueza não tem, não póde ter, senão uma orthographia, como entre dois pontos não póde traçar-se mais do que uma recta. A orthographia portugueza é a que vem expressa no meu **Vocabulario**, ultimamente publicado. E como é conveniente, que o publico fique sciente do systema orthographico por mim seguido e defendido, vou expôr-lhe os principios sobre que o assentei. Porque os adeptos da pseudo-simplificação da escripta, não teem o direito de perpetrarem os seus escarpellamentos: mudariam o *facies* da lingua. Eu, com o vocabulario que colligi, não altero o *facies* da lingua. Ha, pois, grande differença. Os escarpelladores da linguagem escripta, como o publicista Sr. Gonçalves Vianna (o mais cotado de todos) preconizando as formas *abito*, *prossimo*, *massimo*, *parocsismo*, *maquina*, *maquinismo*, *ino*, *ano*, *ajir*, *exijir*, *coajir* e *ressurreição*, alteram o *facies* da lingua, alteram a lingua. Eu, preconizando as formas *echo*, *epocha*, *eschola*, *escholar*, *escholastico*, *escholio*, *escholiasta*, *technica*, *technico*, *polytechnica*, *siderotechnia*, *character*, *chymo*, *chylo*, *melancholia*, *chameleão* — *tractar*, *tracto*, *tractil*, *tracção*, *contracto*, *contractão* — *junctar*, *juncto*, *conjuncto*, *adjuncto*, *junctamente*, *conjunctamente*, *desconjunctar* — *lisonja*, *lisonjeiro*, *brejo*, *brejeiro*, *maiestade*, *majestoso*, *extranho*, *extranhar*, *extranjeiro* — *septe*, *septimo*, *septembro*, *septenario*, *septuagenario*, *septuagesimo*, *septuagesima*, *septingentesimo* — *sancto*, *sanctamente*, *sanctuario*, *sanctificar*, *sanccão*, *sanccionar* — *atrito*, *atricção*, *contrito*, *contrição* — *adição*, *tradicional* — *condição*, *condicional*, *condicionar*, *acondicionar* — *facto*, *facção*, *faccio-*

*sismo, torrefacção, satisfacção — fractil, fragil, fracção, fracionar — teor, tenor, teúdo, conteúdo — ataúde — theoria — colossal, coliseu — paroxysmo, cataclysmo, autoclysmo, abysmo, hymno, rhythmo, rhapsodia, rhapsodix — rima, rimar — anno, annual, biennio, biennial — categoria, categorizar — lirio, lirial, cirio, cirial, thisica, thisico, estigma, enigma — lyra, lyrico, lyrismo — sala, salão — falla — mala — callo — calar, calada — calafate — mó, mole, moinho, molar, moleiro — molle, molleza, molla — bolla, balla, bulla, bulle — praxe, praxista, pragmatica, practica, practicar, practicamente — pictoresco, pictorico — pintar, bintor, pintura, pinturesco — moral, morigerar, morigeracção — muro, mural — resaiço, resabiarse — resaltar, resalvar, resarcir, reseccar, resentir — resudar, resudacção — resumbrar — resurgir, resurreiçao — coser, costura — cozer, cozido, cozinha, cozinheiro, cozedura, cozimento — vaso — vaziar — transvasar, e transvazar, não altero o *facies* da lingua, e sómente procuro uniformizá-la, mantendo o aspecto dos radicaes dos vocabulos, e portanto robustecendo cada vez mais a nossa tradicional orthographia. Esta não é difficil; se é difficil, não é mais difficil do que a das linguas franceza, ingleza ou allemã, que lá teem a sua orientação, e cujos povos as mantem, são mais illustrados, possuem menos analphabets, e são mais felizes, e mais patriotas. E pelo motivo da orthographia nacional não ter tido até aqui quem procedesse á sua completa e conscienciosa uniformização, é que os escarpelladores da linguagem escripta ousaram pensar em deturpá-la, e n'isso está a sua remissão. E outros virão, mais tarde, que tambem pensarão em deturpá-la, se a uniformização orthographica, aqui preconizada, não fôr levada a cabo: e serão tambem perdoados... Para obviar, pois, a futuros ataques á lingua pátria, e para remediar o mau effeito dos actuaes, torna-se urgente a uniformização orthographica da lingua, sob a egide da tradição, isto é, da etymologia, combinada com a orthoepia consuetudinaria. Vejamos em que consiste, practicamente, essa uniformização. Vê-lo-hemos, no proximo artigo.*

Lembra o auctor á imprensa do paiz, que cumpra o seu seu dever, tomando a serio esta questão. Ao auctor, incumbelhe o dever de se sacrificar pela causa que defende: assiste-lhe o direito de pedir que o coadjuvem, na causa que de todos é. Não teem muito trabalho: estudar orthographia; puxarem pelas reminiscencias do latim e da grammatica; darem-se mutuamente o exemplo, escrevendo correctamente.

Os *princípios*, em cuja obediencia deve assentar definitivamente a orthographia portugueza, são :

1.º principio: — Equilibrar a orthographia em tres bases igualmente estaveis: o uso, a pronuncia e a etymologia.

a) — Não obstante a *escripta tradicional ser essencialmente etymologica, deve ceder ora ao uso, ora á pronuncia, sempre que o uso inveterado ou a inveterada pronuncia hajam transformado o étymon; como n'estes exemplos: empedernir, atazanar, combalir, e em muitissimos mais.*

2.º principio: — Manter na lingua um verniz geral de classicismo.

a) — O *verniz geral de classicismo é exactamente o seu cunho tradicional, que deve manter-se, e que se evidencia na manutenção dos radicaes, que a nossa lingua-mãe, o latim, nos transmittiu.*

3.º principio: — Manter, tanto quanto possivel, os vestigios dos radicaes ou raizes conhecidas, em todos, ou para todos os vocabulos da lingua.

a) — Quando se diz **tanto quanto possivel**, equivale a *falar-se, no paragrapho anterior, em verniz geral. Significam estas restricções, que, quando o uso ou a pronuncia imperem em sentido contrario ao da etymologia, deve esta considerar-se perdida, para determinados vocabulos, ou, pelo menos, desvanecida.*

b) — Em obediencia ao 1.º e ao 2.º principios, e ás suas restricções, *manteem-se, muito especialmente, os radicaes muito frequentes na lingua, ou de familias de vocabulos muito numerosas; como por exemplo os radicaes latinos (e portuguezes) de jungo, traho, sancio (junc, trac, sanc), e os de septem, octo, etc., etc., etc.*

c) — Não se resuscitam *formas já obliteradas, quando, em vocabulos nenhuns da lingua, não appareçam já; como nos exemplos seguintes: matar, matador, matança, multa, multar, etc., etc., etc.*

d) — Mantem-se a *translitteração, seguida em latim, para os vocabulos de origem grega, mas generalizando-se e uniformizando se, em portuguez, este processo; como nos seguintes exemplos: echo, epocha, eschola, technica, character, chylo, chimica, alchimia, thisica, thisico, catechismo, catechizar, e methodo, theoria, theorema, catheto, e lyra, lyrismo, paroxysmo, cataclysmo, autoclysmo, paroxylena, oxygenio, oxymel, syncope, syntaxe, symmetria, synthese, syntheti-*

zar, systema, systematizar, categoria, categorizar, xylophagia, zymotechnia, larynge, pharynge, esphincter, esphinge, enigma, estigma, analyse, analysar, praxe, praxista, pragmatica, practica, practicar, etc.

e) — *Mantem-se a forma lo, la, los, las, do pronome (artigo) o, a, os, as, bem como as formas no, na, nos, nas, do mesmo pronome; escrevendo-se portanto: matá-lo, comê-lo, prohibi-lo, pô-lo, etc., etc., etc.*

f) — *Mantem-se a escripta amá-lo-has, escrevê-la-hias, prohibir-me-hias, expôr-nos-hiamos, considerando estes casos especiaes de tmesa, como reflexo da formação periphrastica dos futuros e dos condicionaes dos verbos.*

g) — *O systema da manutenção dos radicaes, applicado maismeticulosamente a vocabulos de origem grega ou latina, estende-se, tanto quanto possível, a vocabulos d'outras origens, sobretudo indo-europeias.*

(Continúa).

XIX

4.^o principio — *Admittir, em certos casos, muito restrictos, a concomitancia de formas, como em couro, coiro; cousa, coisa; touro, toiro; dobadoura, dobadoira; lagryma, lagrima; inclyto, inclito; charidade, caridade; abhorrecer, aborrecer; gyrar, girar; etc., etc.; mas só nos casos em que essa concomitancia se apresentava já na nossa lingua avoenga, o latim. ou n'aquelles que o uso tenha de ha muito sancionado, ou ainda n'aquelles a que a pronuncia obrigue ineluctavelmente; mas evitando-se, tanto quanto possível, o apparecimento de novos parallelismos, e restringindo, tambem quanto possível, o numero dos existentes.*

a) — *É perfeitamente indifferente o emprego de uma ou outra forma, quando venham duas apontadas no Vocabulario; e sómente os parallelismos apontados serão os permittidos.*

5.^o principio — *Dispensar a accentuação da syllaba predominante dos vocabulos, excepto, para cada escriptor, aquelles vocabulos que se julguem novidade ou desconhecidos dos provaveis leitores; e excepto tambem um reduzido numero de vocabulos, em geral monosyllabicos, em que tenha sido constante a accentuação; ou, sobretudo, para o caso dos mo-*

nosyllabicos, quando a accentuação seja necessaria para assignação da qualidade do som.

6.^o principio — Banir por completo o accento grave e o trema.

XX

Desenvolveremos, mais tarde, os principios orthographicos das licções antecedentes.

Hoje, como parenthese, vamos tractar de ver como possa ser *coralina* diminutivo de *coral*, e *cravina* diminutivo de *cravo*.

O suffixo diminutivo, em portuguez, é, principalmente, *inho*, *inha*. *Cravo*: *cravinho* ou *cravozinho*; *coral*: *coralinho* ou *coralzinho*. A origem do suffixo *inho*, *inha*, é o suffixo *inus*, *ina*, *inum*, latino, que não servia propriamente para diminutivos, mas para formar adjectivos, que designassem o que pertença a um objecto ou cousa, ou que d'elles provenha. Assim, de *equus*, *equinus*, e de *agnus*, *aguinus*. O suffixo *inus*, *ina*, *inum*, passou, em portuguez, para *inho*, *inha*, e passou a significar pura e simplesmente o grau diminutivo. Assim, do latim *clavus*, formava-se o adjectivo *clavinus*, e do portuguez *cravo* formou-se o diminutivo *cravinho*.

Mas *cravina*, que é o nome de uma planta, é que não pôde ser considerado o feminino de *cravinho*, no sentido unico de verdadeiro diminutivo, ou reductivo, pois designa uma planta diversa do *cravo*. Um *craveiro pequeno* não é o que se chama uma *cravina*. *Cravina* é a planta que tem o seu quê da outra planta *cravo*, e é um adjectivo substantivado, tendo assumido a forma feminina, por o genero feminino se applicar, muitas vezes, para designar a *pequenez*, a *fraqueza*, a *graça*, o *encanto*. E só é diminutivo pelo sentido, e não pelo verdadeiro processo grammatical, portuguez, aliás não se diria *cravina*, mas *cravinha*. *Cravina* é, pois, um *diminutivo semantico*.

Note-se: se alguma vez alguem disser *cravinha*, em vez de *cravina*, não vae para o Limoeiro.

O que se diz para *cravina*, diz-se para *coralina*.

Pelugem é um conjuncto de *pelos*, mas só de *pelos pequeninos*; é formação analoga a *pennugem*.

Bandolim é diminutivo de *bandurra*, pois se *bandolim* se liga ao italiano *mandolino*, *bandurra* liga-se ao tambem italiano *mandola*, ou *mandorla*.

E *cholera*? Não é senão um *diminutivo semantico* de *cholera*. É assim uma especie de doença... de papagaio.

— Quanto ao latim *inus, ina, inum*, liga-se á preposição latina, ou allemã, *in*, que se encontra no allemão *innig*, o qual contem a raiz indo-europeia **Kha**, que apparece no verbo latino *ago*, e no allemão *achten*, e o qual *innig* degenerou no suffixo *ig*.

XXI

«Vou, pois, apresentar o vocabulario da lingua portugueza, não como elle sómente deve ser, o que seria pouco, mas como elle é. E não fiz grande descoberta; a minha descoberta é como a do ovo de Colombo. Dever ser, não é nada: ser, é tudo. Deus não deve ser; Deus, é. O mundo não deve ser; o mundo, é. Portugal não deve ser; Portugal, devemos forcejar que seja. A lingua portugueza é. É, e tem orthographia. A orthographia (vocabulo com um prefixo que corresponde ao latino *rectus*), é uma; e essa uma é regida, e quem a rege é uma lei; e essa lei é a lei da evolução linguistica, que faz derivar a nossa lingua, pela sua disciplina grammatical, da lingua latina; e portanto as mesmas regras que se seguiram no latim, mesmo na parte graphica, são as que se devem seguir no portuguez, encaradas as duas linguas nas suas relações reciprocas, e a ultima nos seus caracteres de differenciação dialectal, ou mesologica. Não são n'este mundo as cousas, como as apparencias muitas vezes as inculcam; as cousas são, como effectivamente são, na sua essencia intima, nas tendencias ou no seu proprio espirito creador primitivo, que é sempre evolutivo. Sempre a ideia ha-de prevalecer á forma. E quando a forma não seja a adequada, Deus, ou os homens, ou as cousas, que tudo de Deus são instrumentos, aniquilam a forma, por lenta transformação, e a ideia resurge sob forma nova, sempre mais approximada d'aquella que condiga effectivamente com a ideia prevalecedora. Assim tem succedido com a lingua portugueza, na sua evolução de seculos, e assim ha-de continuar a succeder. Mas as formas, ou a forma em seus multiplos aspectos, desdobra-se ou desenrola-se, sahindo sempre das formas anteriores. É este o espirito da evolução ou do progresso. A linha estrutural das cousas, deve sempre manter-se, e seria um sacrilegio não seguirmos no amanho da nossa lingua, na sua disciplina, no seu desenvolvimento. aquella lei, e normas, que vemos seguir em todas as concepções da natureza. A lingua portugueza, a lingua de um povo, não é instituição susceptivel de uma reforma bruta, insidiosa, intencional e sacrilega, como essa que algumas pessoas menos reflectidas teem vindo a apregoar como necessaria. A lingua, patrimonio sancto, a nossa lingua, o melhor ou mais valido esteio que ainda hoje assiste a esta pobre gente portugueza, e pobre porque pensa pouco, tem de ser estudada e analysada nas suas linhas geraes, ou estructuraes e evolutivas, e de ser acompanhada carinhosamente no seu espontaneo desenvolvimento. Tem que se investigar, tem que se abrir os olhos, e ver, qual o caminho que a lingua seguiu sempre em todos os seus periodos historicos, ou em todas as suas phases evolutivas; ha-de-se reparar muito attentamente no que ella sempre foi, no que ella sempre quiz ser, no caminho que ella sempre pretendeu seguir, e ampará-la cuidadosamente,

como um bem inestimavel, um dom que Deus nos deu, como fundamento da nossa nacionalidade, ou independencia, ou como a nossa maior gloria; e não ir dar-lhe o golpe estúpido e brutal, as machadadas, que a façam apparecer aos nossos olhos como o aborto de um corpo que não tenha chegado a constituir-se, ou como planta que hajam deixado mangrar á falta de cultivo e de convenientes atenções. O que temos, pois, a fazer, para continuarmos a ter a verdadeira lingua portugueza, pelo que respeita á escripta, é vermos como sempre se escreveu, ou como sempre se procurou escrever, e continuarmos ponderadamente na orientação de nossos paes, fieis ás mesmas regras a que elles viram sempre a nossa lingua sujeita. Essa orientação é a natural; essa orientação, é o verdadeiro substrato evolutivo da nossa vida idiomatica. E não devemos até, se me é permittido affirmá-lo, investigar se essa orientação é boa ou má — devemos *crer* que é boa! — pois sendo a lingua um facto natural, pertence-lhe, por assim dizer, o *quid* de mysterio de todas as creações naturaes. Assim, o unico caminho possivel é a obediencia á lei uniformizadora, que sempre na constituição da nossa lingua temos visto dominante. Essa lei é a seguinte: a lingua portugueza, lingua neolatina, tributaria do latim pela obediencia, a que teve de sujeitar-se de começo, á sua disciplina, tende, tanto na syntaxe, como na morphologia, na orthographia, na semantica, e mesmo na phonetica, tende a desviar-se sempre o menos possivel do idioma philologicamente seu progenitor. Sempre o menos possivel. Sempre ella ha-de desviar-se. Sempre nos cumprirá evitar que ella se vá extravagantemente desviando. Muito menos nos cumprirá dar-lhe ensejo a que fuja ao *facies* da sua lingua progenitrix. Não devemos fazer da nossa lingua um aborto, onde os vocabulos percam a expressão nativa, que é propriamente o nexo que na lingua liga todos os vocabulos entre si; porque esse nexo é que é a vida da lingua; nexo que estamos habituados a contemplar, e que se perderia por completo, desde que fossemos alterar impiedosamente, e de chofre, o aspecto graphico-morphologico dos vocabulos... E que triste occupação, a de estragar!...»

(Excerpto d'A *Escrepta Nacional*, a pg. 438).

XXII

Um meu consulente, assignado «*Apprendiz*», pergunta-me em que entendo eu que consista a nossa conveniencia politica, de termos o portuguez bem differente do castelhamo. A resposta, ou a explicação, é obvia. É por Portugal ter condições de vida, diversas das de Castella, e muito diversas, que ainda não foi por ella absorvido. E uma d'essas condições de vida, é o seu dialecto disciplinarmente latino, que tão diverso é do castelhamo. Mas esta differenciação linguistica não é assim coisa forjada *ad hoc*; é um facto mesologico espontaneo.

Pergunta-me também porque é que eu disse: «*Se os de Tuy ou de Alarcon nos não poderem entender...*». Extranha a forma *poderem*, com *o*. Não sei, meu caro; é assim mesmo: *podér, podéres, podêr, podermos, poderdes, poderem*. O verbo *poder*, do latim barbaro *podere*, do vulgar *potesse*, e do classico *posse*, não larga o *o* senão quando a pronuncia o exige ineluctavelmente.

Pergunta também: escreve-se *acolher*? Sim senhor: *colher juncto a (ad)*. Cf., francez: *accueillir*.

É o que lhe posso dizer.

XXIII

«Saudade, doce martyrio!»

Saudade, doce palavra,
Ninguem sabe de que lavra,
Que etymologia tem;
Mas já perguntei a alguem,
De tez branca como o lirio,
Que me desse uma opinião,
É essa flôr me disse então:
«Saudade, doce martyrio!...»

Pois sim, mas olha, saudade,
E estar bem em soledade.

Mostra isto, que em questão de etymologias, pôde haver ás vezes opiniões desencontradas. Parece-me, porém, que *saudade* vem de *soledade*.

O povo emprega uma forma mais proxima do étymon. Diz *soedade: dê-lhe lá muitas soedades*.

XXIV

Chegámos ao primeiro alto.

Cuidados do officio nos obrigarão talvez a não poder, por uma temporada, chegar a esta redacção. Em tempo oportuno, porém, continuaremos.

Os benevolos leitores, que gostaram de ir seguindo estas licções, tê-las-hão, desde já, reunidas n'um folheto, nas li-

vrarias, e com este mesmo titulo: «A questão orthographica».

*

Pelo que respeita á campanha, que todos precisamos de vencer, e visto que depomos armas por um momento, traballhae, vós todos que n'ella andaes empenhados. Vós todos, escriptores, jornalistas, revisores, compositores, e leitores : vós todos, amantes da liberdade de escrever e de ler correctamente a lingua, e que fallaes e pensaes na necessidade de elevar o nivel intellectual, em Portugal. Debate-se-nos a intellectualidade, em maré de tempestade. E o velho edificio, treme nos fundamentos. De um lado, sopra o vento da demolição ; do outro, vae sempre aquelle edificio resistindo, levantado por uma vontade superior á nossa, cultivado pela sciencia, aformoseado pela arte, venerado e defendido pelo patriotismo, que nos é ou não inspirado por aquella vontade superior... Reunidos os anciãos—e os anciãos serão aquelles em quem melhor brotar a inspiração—d'elles dependerá a orientação da lucta, e a confiança na victoria.

Vae o pleito ser submettido a um *tribunal de honra intellectual*.

Aguardemos o *veredictum*.

Septembro de 1910.

(Todos estes artigos, menos o mais extenso, foram publicados no «Correio da Manhã», a quem apresentamos os nossos agradecimentos.)

APPENDICE

Pedem-me, da typographia, original para estas duas paginas, e farto, como estou, da prosa das etymologias, apresento aos meus estimaveis leitores, estas duas poesias, de auctor desconhecido, mas que sempre servirão de modelo, ou de exemplificação orthographica :

FOME . . .

Ouvindo estou o badalar distante
Do sino de uma egreja, e tão plangente,
Que a minha alma, já triste, ainda se sente
Pungir cada vez mais, de instante a instante.

Imagem doce e sancta, e radiante,
Que havias de surgir na alma do crente,
Ao sentir-se librado, brandamente,
Pela ideia de um Deus, então ovante . . .

O crente cria em Deus, na Virgem, e era puro
O seu pensar, ingenuo, e o seu sentir sincero . . .
Pela sciencia não havia ainda tanto apuro . . .

Não digo mal de ti, ó Sciencia, a quem venero;
Mas faze mais ainda, allue o muro,
Que sempre ante os meus olhos considero,

E o amor me dá do Deus, a quem procuro!



SUSSURRA, VENTO TRISTE...

Sussurra, vento triste: sussurrando,
Tens voz, que tudo diz, nada dizendo;
Tu, vento, e o mar, ou a fonte, vozes sendo,
Vozes de uma Alma-Unica, pulsando...

Mas vamos com esta, agora, divagando...
Fructo será só teu, Materia? fornecendo
Tu só, bruta Materia, quanto entendo,
Quanto julgo entender, se a vou escutando?

Suspira e geme, ou ri, arranca e brame;
Tem gritos, tem volupia, e dôr, prazer:
Traduz, tudo traduz, que em nós se sinta...

É voz da Natureza, é voz que pinta,
Artística e eloquente, a mais não ser,
O bello, e o vero, e o bom, que a nós nos chame...

E havias de ser voz só da Materia!
Esta é o orgão, sim, isso é possível;
Mas Tu o Artista, Tu, que em nós fallando,
Com quantos mil accordes, ou instrumentos mil,
Te vaes acompanhando!





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329694232

Do mesmo auctor:

<i>A Escripta Nacional</i> , 2. ^a edição, correcta...	1\$200
<i>Vocabulario Orthographico</i> , completo	600

Pedidos á Livraria Ferreira, Limitada
132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA